

Família, sacerdócio e política: Paulo Tonucci e sua trajetória

Gisele Oliveira de Lima ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i32.43925>

Resumo: Paulo Maria Tonucci, padre italiano, que veio para o Brasil trabalhar como missionário no período de 1966 a 1994. A Teologia da Libertação passou a ser sua prática sacerdotal ao longo do seu trabalho missionário. Ajudou na organização do Grupo de Evangelização da Periferia de Salvador, desenvolveu livros, boletins e histórias em quadrinhos voltados para as comunidades eclesiais de base. Fez parte da formação da Comissão de Justiça e Paz de Salvador, atuou junto a grupos religiosos de resistência à ditadura civil-militar, auxiliou movimentos sociais de bairro e acolheu perseguidos políticos. Foram encontrados registros que mostram os Órgãos de repressão da ditadura mantendo Paulo e outros padres sob constante vigilância. A pesquisa foi realizada com amplo arquivo pessoal do personagem e vasto número de entrevistas realizadas relatando o trabalho dele junto à comunidade e com movimentos sociais. Da reconstrução da trajetória de Paulo Tonucci foi possível traçar o perfil de uma pessoa multifacetada, com relacionamento com diversos segmentos sociais, tendo envolvimento com grupos religiosos e políticos de grande importância no cenário político de resistência à ditadura.

Palavras-chave: Teologia da Libertação; Comunidades Eclesiais de Base; Movimentos sociais; Perseguidos políticos; Ditadura Militar

Family, priesthood and politics: Paulo Tonucci and his trajectory

Abstract: Paulo Maria Tonucci, an Italian priest who came to Brazil to work as a missionary between 1966 to 1994. The Theology of Liberation has become his priestly practice along his missionary work. He helped to organize the Evangelization Group of Salvador Periphery, developed books, newsletters and comic books for ecclesial base communities. He was part of the formation of the Commission of Justice and Peace of Salvador, served with the religious group of resistance to civil-military dictatorship and helped neighborhood social movements. Records were found showing the Dictatorship Repression Service keeping Paulo and others priest under constant surveillance. The research was realized with extended personal archives of Paulo and a lot of interviews reporting his work near the community and social movements. From the reconstruction of trajectory of Paulo Tonucci it was possible to trace the profile of a multi-faceted

¹ Professora do Instituto Federal de Alagoas, Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente realiza pesquisas sobre as Comunidades Eclesiais de Base do Baixo Rio São Francisco e a Ditadura Militar. Email: giseleoliveiradelima@gmail.com.

person, with relationship with various social segments, he was involved with religious groups and politicians of great importance in the political scene dictatorship resistance.

Keywords: Theology of Liberation; Ecclesial Base Communities; Social Movements; Persecuted Politicians; Military Dictatorship

Família, sacerdocio y política: Paulo Tonucci y su trayectoria

Resumen: Pablo María Tonucci, sacerdote italiano, que vino a Brasil a trabajar como misionero en el período de 1966 a 1994. La Teología de la Liberación pasó a ser su práctica sacerdotal a lo largo de su trabajo misionero. Ayudó en la organización del Grupo de Evangelización de la Periferia de Salvador, desarrolló libros, boletines e historietas dirigidas a las comunidades eclesiales de base. En el marco de la formación de la Comisión de Justicia y Paz de Salvador, actuó junto a grupos religiosos de resistencia a la dictadura civil-militar, ayudó a movimientos sociales de barrio y acogió a perseguidos políticos. Se encontraron registros que muestran los Órganos de represión de la dictadura manteniendo a Pablo y otros sacerdotes bajo constante vigilancia. La investigación fue realizada con amplio archivo personal del personaje y vasto número de entrevistas realizadas relatando el trabajo de él junto a la comunidad y con movimientos sociales. De la reconstrucción de la trayectoria de Paulo Tonucci fue posible trazar el perfil de una persona multifaceteda, con relación con diversos segmentos sociales, teniendo implicación con grupos religiosos y políticos de gran importancia en el escenario político de resistencia a la dictadura.

Palavras chave: Teología de la Liberación; Comunidades eclesiales de base; Movimientos sociales; Perseguidos políticos; Dictadura militar

Recebido em 30/07/2018 - Aprovado em 20/08/2018

Como começar a tratar sobre uma pessoa e sua trajetória de vida? Devemos começar do nascimento ou da sua morte? Talvez o melhor começo seja onde surgiu o interesse de pesquisa sobre Paulo Maria Tonucci. Tudo começou em 26 de agosto de 2008, quando se notou a foto de Paulo Tonucci, ao lado do Coração de Jesus, no meio da parede da sala de Carmosina Ferreira Couto e Alcebíades Ferreira Couto, ambos moradores do bairro Novo Marotinho. Daí surgiram os questionamentos: Quem é realmente este senhor? O que ele fez de tão marcante que mereça estar ao lado do Coração de Jesus? Estas foram as primeiras perguntas, só foi o começo.

Paolo Maria Tonucci nasceu no dia 4 de maio de 1939 na cidade de Fano e sua ordenação sacerdotal se deu no dia 29 de junho de 1962. Já padre Paulo “nasceu” no dia 6 de janeiro de 1966. A vida de Paolo Tonucci a partir de 1966 se transformou profundamente, sendo mais conhecido como padre Paulo. Novos paradigmas surgiram e repercutiram fortemente sobre os seus pensamentos, estilo de vida, trabalho e cultura.

A Igreja desde o papado de Pio XII já fazia campanha para encaminhar sacerdotes do velho mundo para América Latina devido à sua forte carência de religiosos. Esta campanha foi reforçada com o papa João XXIII e o Concílio Vaticano II. Nesta seara, Paulo Tonucci e Renzo Rossi se entusiasmaram em pregar o evangelho em terras estrangeiras onde a pobreza e a carência de representantes de Deus era muito grande.

Havia a ideia que na Itália padres eram mais que suficientes. Então começaram a procurar, e ele (Paulo) começou a manifestar ao Arcebispo que desejava ir como voluntário na América Latina. Naquele momento, se pensava, aliás pensavam eles, sobretudo na Argentina. Porque já tinha um grupo de sacerdotes de Marche que iam para Argentina. Então o Arcebispo disse: Se vai, deve ir para lá.

O Arcebispo era um senhor, e não estava nada contente que Paulo fosse, mas com a influência de outros acabou aceitando. Depois de três anos que ele (Paulo) foi ordenado sacerdote, foi para Verona. Eu já era seminarista, era em 1965. Durante o período de formação em Verona, tinha um curso que se chamava “O curso de Ceila” era uma comissão episcopal italiana pela América Latina. Em Verona ele fez este curso e dali ele conheceu o senhor Renzo Rossi, e se deram muito bem. Quando Paulo ouviu que Renzo iria para o Brasil, ele disse que iria com ele. [...]

Paulo teve esta ideia (se tornar missionário), com muita generosidade, de responder aquilo que era o momento particular da Igreja. O Concílio ainda não tinha finalizado, mas ele sentia esta vontade de levar a todos o Evangelho. Depois ele chegou no Brasil e conheceu a realidade brasileira. (Giovanni TONUCCI, entrevista realizada no dia 27/02/2014)

Foi em Verona, durante o curso da Comissão Episcopal italiana pela América Latina – curso preparatório para os sacerdotes que estavam destinados à missão latino-americana, que ele conheceu Renzo Rossi. Após grande empatia, Paulo resolveu acompanhar Renzo na sua mudança para o Brasil, não mais seguindo o grupo da Região Marche, a qual a cidade de Fano fazia parte, e que estava destinando os sacerdotes para Argentina.

Antes de deixar Fano, vale conhecer um pouco mais sobre Paolo Tonucci e sua família. Paolo era o primogênito do casal Bruno Tonucci e Amelia Muratori, que tiveram mais três filhos – Francesco, Giovanni e Marco. Francesco se formou em pedagogia e seguiu carreira de pesquisador e cartunista; Giovanni seguiu a carreira sacerdotal e hoje ocupa o cargo de Arcebispo de Loreto; e Marco é proprietário de uma oficina automotiva em Fano. O pai Bruno Tonucci trabalhava como enfermeiro no Seminário Regional de Fano e a mãe Amélia era dona de casa.

A família Tonucci era muito religiosa. Paolo tinha um tio paterno chamado Domenico Tonucci que pertencia à Congregação Camaldolese da Ordem de São Benedito, e vivia no convento Eremo di Monte Giove, em Fano. Paolo ainda tinha uma tia-avó materna freira que se chamava irmã Georgina e morava em Fossombrone. A influência familiar pode ter tido grande peso sobre a formação religiosa e a opção de Paolo em se tornar padre, mas isto será visto mais a frente.

De qualquer maneira se sabe que Paolo entrou para o Seminário Diocesano de Fano aos onze anos e recebeu a ordenação sacerdotal aos vinte três. Foi vice pároco da paróquia da Catedral em Fano por três anos. Após esse período de vivência resolveu abraçar o desafio de enfrentar outra realidade.

O pouco que eu o via, eu percebi que Paolo se sentia desconfortável em ser padre em nossa cidade. Fano, naquela época, era uma cidade cheia de padre. Tinha um seminário regional, então todos os seminaristas e todos aqueles que se tornavam padres da região Marche, vinham estudar em Fano, tinha de 500 a 600 pessoas. Paolo depois de estar no seminário para pequenos, onde fez a escola média e a escola superior, fez teologia e passou para o seminário regional. Meu pai era enfermeiro do seminário regional, ele o via frequentemente. Mas Paolo depois que se tornou padre se encontrava mal, porque Fano tinha muitos padres. Ele contava que eram tantos que dava fastio um com o outro, havia problemas, inveja, ele não suportava isto. Havia alguns que eram muito atrelados ao dinheiro... Em suma, era um mundo que ele não gostava. Muito cedo, Paolo decidiu ir para fora, trabalhar onde padre era necessário. (Francesco TONUCCI, entrevista realizada no dia 14/02/2014)

Francesco relatou a insatisfação de Paolo em trabalhar em Fano devido ao grande número de padres e as intrigas entre estes. Uma alternativa a esta realidade era abraçar o desafio da América Latina como uma alternativa de superação à prática sacerdotal que ele repugnava. A missão se tornou um encontro com outra Igreja.

O envio de missionários tinha como intuito fortalecer a Igreja no continente latino-americano e esse processo se iniciou antes mesmo do Concílio e se perpetuou durante o papado de João XXIII. Como analisar o envio e o trabalho destes missionários à América Latina? De que maneira o trabalho missionário influenciou e/ou foi influenciado sobre o desenvolver de uma nova práxis teológica? Diante destes questionamentos o trabalho de Nicola Gasbarro ao analisar o trabalho missionário a partir das condições histórico-culturais ajuda a compreender melhor os sistemas de relações e de valores vividos pelos missionários (Lima, 2017).

A consciência teológica-cristã compõe os sistemas de valores dos enviados da Igreja, mas ao imergirem no universo das missões, apreendem novas relações:

A reproblemática do universalismo teológico do cristianismo em termos de generalização antropológica ajuda a compreender também este humanitarismo “desacralizado” como um produto cultural da amplitude progressiva do conceito de religião, que é a primeira exigência concreta que os missionários vivem em modo radical: não é por acaso que frequentemente são forçados das diversas dinâmicas culturais a abrir um confronto seja com as hierarquias da Igreja institucional, seja com ortodoxias da teologia tradicional. (GASBARRO, 2009, 13-14, minha tradução)

A vida cotidiana “com o outro”, segundo o autor, não permite distinções sofisticadas entre teologia e antropologia, mas obriga a repensar as relações entre as civilizações para inseri-las na perspectiva cristã da salvação. Gasbarro, ao dialogar com Norbert Elias, afirma que o “processo de civilização” atravessa uma longa relação entre os códigos culturais da religião com da civilização e que esse processo relacional chega num momento de confronto com as posições ortodoxas da hierarquia cristã (Lima, 2017).

Para Gasbarro, a generalização civil conseguiu, de certa maneira, incluir as diferenças religiosas e mantê-las de qualquer modo compatíveis, mas esse processo exigiu uma nova ortoprática cultural e, consequentemente, missionária (2009, p. 27).

Religião e civilização, ortodoxia da Igreja e ortoprática da vida social, santos e corpos, sinais do sublime e do mundano, fés diversas e idolatrias de cada tipo, hegemonia do senso e subordinações culturais convivem em um tipo de “dupla” do corpo social: somente aqui a força sacramental do ritual tem condições de impor uma conciliação do possível e do pensável, um compromisso para viver nas contradições cotidianas das diversidades radicais. [...] a ideologia prática dos missionários é substancialmente esta: a generalização intercultural da ordem cristão do mundo, que implica um processo de generalização da civilização de cada diversidade, e os riscos sociais e simbólicos de uma aculturação dispersiva da ortodoxia religiosa, até a implosão de sua cosmologia cultural. (GASBARRO, 2009, p.29, minha tradução)

A relação entre religião e civilização compuseram a ortoprática missionária e, segundo Gasbarro, abraçavam uma lógica de generalização intercultural da ordem cristã, pertencente ao encontro de um processo geral de civilização. Os missionários se propuseram a praticarem tal generalização em prol da lógica de disseminação de uma perspectiva cristã, mesmo que esta seja uma aculturação dispersiva. Esta ortoprática missionária foi abraçada pelos missionários que vieram para América Latina antes, durante e depois do concílio Vaticano II? Pode-se dizer que havia uma preocupação na formação desses missionários, vide a encíclica de João XXIII *Princeps Pastorum*, onde ele incentivava aos missionários a fazerem uma “formação intelectual que trate das necessidades reais e da mentalidade de cada povo”. O concílio Vaticano II também se voltou para a atividade missionária ao fazer um decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária (LANTERNARI, 1972, p.132). Paulo participou do curso da Comissão Episcopal italiana pela América Latina – curso preparatório para os sacerdotes que estavam destinados à missão latino-americana. Estas atividades fizeram parte também do papado de Paulo VI (LIMA, 2017).

A formação destes missionários se deu em meio à discussão sobre qual seria o procedimento destes religiosos frente à América. Vittorio Lanternari, no seu livro publicado em 1972, trata desta discussão sobre a postura da Igreja e a política de adaptação ou repressão frente ao cenário político e social. Havia segmentos dentro da Igreja que defendiam que a instituição deveria se portar com uma atitude mais intervencionista. No entanto, havia setores que reclamavam a importância da consciência

dos problemas do mundo contemporâneo, e que nem eles mesmos haviam plenas condições de distinguir problemas temporais dos espirituais (LIMA, 2017).

Diante destes impasses e dificuldades, se perpetuou a ideia de que se é muito mais valoroso o juízo de uma autocrítica construtiva e fecunda do que uma postura repressiva (LIMA, 2017).

Também o cardeal C. Costantini reconhece que um maior senso de “respeito” das formas culturais se exige, próprio para uma melhor eficácia do trabalhado evangelizador. O novo orientação das missões se deve fundar sobre três constatações: 1) a emancipação política dos países das missões; 2) o desenvolvimento das Igrejas autônomas; 3) a importância do patrimônio cultural e ético das diversas nações. (LANTERNARI, 1972, p. 137, minha tradução)

Lanternari relata que tais avaliações sobre a ação missionária eram consideradas muito renovadoras e a depender de qual segmento ou grupo religioso avaliava tais orientações poderiam ser consideradas muito revolucionárias (1972, p. 133-135). Interessante observar que tais impasses compuseram a ortoprática missionária, assim como a pressão por mudanças dentro da Igreja, que vinha de outrora e que se recapitulava e ganhava legitimação pouco a pouco, seja nas encíclicas de João XXIII, ou no concílio Vaticano II, ou no papado de Paulo VI (LIMA, 2017).

No meio desse emaranhado de acontecimentos internos que muitos missionários se defrontaram, tiveram que conhecer e enfrentar, ainda, os diversos cenários políticos, socioeconômicos e culturais nas suas missões. A partir daí que a esta ortoprática missionária foi se compondo e delineando uma corrente teológica. Uma corrente que vinha abraçando diversas práticas e interpretações sem necessariamente definir de modo preciso e acabado sua perspectiva teológica e de Igreja. Nesse meio ortoprático missionário que don Paolo transformou-se em padre Paulo e passou a viver no limbo: entre um prática sacerdotal, códigos sociais, culturais e religiosos, que ele não abraçava mais, e a construir uma ortoprática missionária e teológica em um meio social, político e cultural totalmente díspar ao qual ele cresceu.

Foi no navio Federico Companhia na cidade de Gênova, Itália, com destino ao Rio de Janeiro, Brasil, que Paulo começou a descobrir um novo mundo e, mais tarde, novas perspectivas sacerdotais.

No começo de dezembro, são enviados para paróquias diferentes: Renzo, para Nazaré das Farinhas; Paulo, para Muritiba, ambas cidades próximas de Salvador. Eram experiências destinadas a um pequeno aprendizado sobre a Bahia. No dia 06 de janeiro de 1966, tomam posse na paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, localizada nas proximidades do largo do Tanque, no Alto do Peru, em Salvador. (JOSÉ, EMILIANO. 2002, p. 68)

Em Salvador, Renzo e Paulo passaram a morar no Alto do Peru e isto foi de grande surpresa. Segundo Renzo, a comunidade não estava habituada em ver os padres morarem na paróquia, o último padre antes deles morava na Liberdade, um bairro um pouco distante da localidade. Em 1968, Giuseppe Ceccherini se uniu a Renzo e Paulo, mas permaneceu na paróquia por três anos. Neste interim, em 1970, Sergio Merlini também se juntou ao grupo de padres da paróquia. Como a paróquia era muito grande, ela foi dividida em três áreas de atuação: Sergio ficou responsável pelo Alto do Peru, Renzo ficou responsável pela área da Capelinha de São Caetano e Paulo com Fazenda Grande do Retiro. Como Giuseppe não ficou muito tempo na comunidade não se sabe ao certo em qual área ele atuou.

Um dos primeiros trabalhos de Paulo em Fazenda Grande foi a Igreja Vila Natal.



Figura 1: “Salvador Bahia janeiro 1968 – A Igreja de Fazenda Grande: escola de catecismo a céu aberto” - Fotografia do livro TONUCCI, 2004, p. 42.

A foto da figura 1 mostra a Igreja Vila Natal, bastante simples, e o curso de catecismo feito a céu aberto; ao fundo, o homem de camiseta de botão é Paulo Tonucci. O prédio inicialmente foi construído de taipa, atualmente, existe uma construção de alvenaria (figura 2) muito distante do aspecto simplório da primeira.



Figura 2: A Igreja de Fazenda Grande atualmente, hoje chamada Igreja Católica Natividade do Menino Jesus. Fotografia de Gisele Oliveira de Lima no dia 18/08/2014.

Segundo moradoras, Marivalda, Maria da Conceição, Maria Bonfim, e registros fotográficos, Paulo ajudou na construção da Igreja e “colocou a mão na massa” (figura 3). A ideia de compartilhar com a comunidade o trabalho de construção da Igreja não era visto por ele como algo que não deveria se envolver, já que fazia parte da comunidade, portanto, deveria participar da construção como os outros membros. Deste modo queria quebrar esta ideia de distinção entre padre e os outros componentes da paróquia.



Figura 3: “Fazenda Grande 1967 – Paulo, José de Melo (diácono permanente) e outros iniciando os trabalhos para construir a igreja de Fazenda Grande” - Fotografia do livro TONUCCI, 2004, p. 47.

Após a construção da Igreja, Paulo ficou se revezando entre retornar para o Alto do Peru e dormir em Fazenda Grande. Depois de certo tempo, resolveu se fixar no bairro, morando num quarto no fundo da Igreja. Sua relação com a comunidade foi se intensificando cada vez mais, passando a realizar suas refeições na casa dos paroquianos.

Ao longo dos anos de 1970, Paulo foi ficando cada vez mais próximo da comunidade: passou a realizar diferentes projetos e um deles foi a construção da Escola 1º de Maio. A escola foi um projeto que inicialmente envolvia um coletivo de italianos

leigos e não leigos conhecidos de Paulo e Renzo. Depois a escola passou a envolver outras pessoas desde integrantes da comunidade a perseguidos políticos.



Figura 4: “Fazenda Grande 1970 – esquerda para direita – Paulo Tonucci, José Melo e Joaquim na ocasião do início dos trabalhos de construção da Escola Profissional “1º de Maio”. Joaquim depois foi instrutor do curso de marcenaria na mesma escola. Fotografia do livro TONUCCI, 2004, p. 60

A figura 4 mostra a participação da comunidade na construção da escola como também na formação profissional que foi oferecida. Além dos cursos profissionalizantes, ela também oferecia um espaço para realização de atividades recreativas, reuniões e discussões sobre a comunidade e sobre as problemáticas sociais e políticas que se sucediam no Brasil.

Além do coletivo de italianos da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, Paulo mantinha relação com outros italianos que atuavam no interior da Bahia. Teresa Dantas, amiga de Paulo, chegou a comentar a importância desses contatos.

Então ele se relacionou com as pessoas individualmente, mas também com grupos. Articulação com vários grupos daqui da Bahia - daqui de Salvador, mas também do interior do Estado – de fora da Bahia. [...] Encontro Anual dos Italianos, ele geralmente estava na articulação anual do encontro. E muitas vezes ele ia daqui para Bom Jesus da Lapa, para Vitória da Conquista, lá tinha um grupo de italianos muito bom. Então eu acho que ele articulava isso. (Teresa DANTAS, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Teresa comenta sobre a relação que Paulo tinha com diversos grupos sejam religiosos, sejam político-religiosos que atuavam na Bahia. A interação com italianos que trabalhavam na Bahia era constante. Segundo Teresa Dantas, Paulo era um dos organizadores do Encontro Anual dos Italianos, o que permitia criar vínculos com diferentes padres em toda Bahia. Além disso, muitos destes italianos quando vinham para Salvador ficavam em uma residência chamada “Casa dos Italianos”, localizada no bairro da Ribeira.

Eu me lembro que na Catequese, os meninos empinavam arraia, fazia desenhos, coisa que era do dia a dia deles. [...] A missa dos jovens: cada um levava uma coisa de comer ou de beber. A gente guardava lá (Casa do Italianos). Ele começava a missa, ele ia com a missa até antes do ofertório. Aí suspendia homilia, aquela história toda. Todo mundo ia pra o mar, tomava banho, brincava. Depois se reunia todo mundo e aí começava o ofertório e a comunhão que era para por em comum tudo aquilo que a gente tinha trazido. Tinha uma reflexão toda sobre isso: do dividir, do respeitar o que o outro tem pra dar. [...] Aquela era nossa missa. [...] se reunia em Boa Viagem. Tem até hoje, era **casa dos italianos**. Era uma casa que recebia os italianos que vinham do interior. Então uma vez por mês Paulo pegava para fazer esse encontro – o grupo dos jovens. [...] brincava, contava piada, fazia molequeira. Ele participava de tudo. [...] Na missa nesse tempo já tinha tambores, berimbaus. Eu não sei se na missa da Igreja tinha, eu sei que na missa que a gente

tinha, lá (**casa dos italianos**) tinha. (Teresa DANTAS, entrevista realizada no dia 06/12/2013 – grifo meu)

Teresa Dantas relatou, ainda, que algumas atividades da Catequese eram realizadas nesta “Casa dos Italianos”. A articulação com estes italianos foi muito importante para realização de atividades e diversos outros projetos. Além dos italianos, Paulo se relacionou com o Grupo Moisés, que tinha como base norteadora a Teologia da Libertação.

Formado em Salvador por pessoas advindas de diferentes nacionalidades, profissões e realidades, o Grupo Moisés unia estas pessoas em um só objetivo: oferecer resistência à ditadura militar a partir de uma experiência de fé. Era um espaço de reflexão e de partilha de vivências e informações. O nome Moisés fora escolhido para denominar o Grupo porque o personagem bíblico representa a libertação dos hebreus do jugo do faraó. (VARÓN E CLÁUDIO, 2001, p. 10)

O grupo foi um importante espaço de discussão, onde muitas ideias se desdobraram em projetos e práticas dentro da sociedade, no qual o maior intuito era a conscientização da população para resistência em relação à ditadura civil-militar. O Grupo Moisés começou a se reunir em 1970, mas se tornou conhecido formalmente somente em 1972, quando o abade Dom Timóteo, em plena Sexta-feira da Paixão no Mosteiro de São Bento, leu a carta direcionada ao dom Aloísio Lorscheider presidente da CNBB. A carta exigia um posicionamento da CNBB frente à expulsão do padre José Comblin.

O grupo contava com a participação de diversos sacerdotes, pastores e leigos: o abade Dom Timóteo, os jesuítas Cláudio Perani, Andrés Mato e padre Confa (Gianfranco Confalonieri), além destes tinha também a participação de outros membros do Centro de Ação Social – CEAS – como Joviniano Neto, José Crisóstomo; havia também a atuação de Paulo Tonucci, Renzo Rossi e Sérgio Merlini, e também das leigas Délia Bonisegna e Teresa Dantas; houve também a colaboração do pastor presbiteriano Celso Dourado; e a participação dos padres franceses – Pedro Paulo (Pierre Demoulière), João (Jean Lacrevez), Alfredo (Alfred Henri Gruyer) e Camilo (Camille Rolland) – nomes aportuguesados para facilitar a pronúncia da comunidade.

As reuniões do grupo se iniciaram nos anos de 1970 e foi um importante espaço de discussão teórica e prática da Teologia da Libertação. Segundo Pe. Renzo e Délia Boninsegna, a linha de frente do Grupo Moisés era composta por Pe. Paulo e Pe. Cláudio Perani, importante missionário jesuíta que coordenou durante muitos anos o Centro de Ação Social – CEAS (JOSÉ, 2002).

O Grupo Moisés se constituiu em local de articulação e planejamento da ala progressista da Igreja e foi através desta que se organizou e mobilizou o Grupo de Evangelização da Periferia. Délia Boninsegna nos relatou que este grupo de evangelização era um espaço de encontro entre várias paróquias. Através deste grupo que as paróquias se organizavam e apoiavam os nichos de manifestações populares por moradia. (Gisele LIMA, 2009, p. 77)

Através do Grupo Moisés, Paulo e outros sacerdotes passaram a organizar e formar o Grupo de Evangelização da Periferia. Este foi um dos projetos que teve grande importância não somente para comunidade de Fazenda Grande, mas também para diversas outras paróquias. O grupo envolvia diversas paróquias – Suburbana, Ribeira, Camaçari, assim como a paróquia Nossa Senhora de Guadalupe (Alto do Peru, São Caetano, Alto da Boa Vista de São Caetano, Capelinha, Fazenda Grande, Baixa do Capim, Bom Juá) - que eram coordenadas por sacerdotes estrangeiros e brasileiros.

Tinha a paróquia e dentro da paróquia tinha as várias comunidades, era o início, era o embrião das Comunidades de Base. Então existia aquilo que era a coisa oficial, a paróquia, mas depois, como eram paróquias imensas, aí surgiam as pequenas comunidades. A comunidade se organizava para ter a catequese para as crianças, fazia a novena de Natal na época de Natal, fazia a Campanha da Fraternidade na época da Quaresma. Mas tinha toda uma formação, acompanhamento por este Grupo de Evangelização que era formado, sobretudo, de vigários de várias paróquias e leigos que colaboravam com os vigários. Aí a gente fazia esse encontro mensal, onde vinha os animadores de todas essas paróquias, da Suburbana, de Camaçari, do CIA, lá de toda Nossa Senhora de Guadalupe

e alguns bairros da cidade. Nem todo mundo comungava com isso, era somente aqueles que acompanhavam certas linhas que era um pouco dentro da Teologia da Libertação. (Délia BONISEGNA, entrevista realizada em 2013)

O objetivo do grupo estava voltado para formação de animadores dessas pequenas comunidades que estavam inseridas nas paróquias. De acordo com Délia Bonisegna, o Grupo de Evangelização foi “o embrião das Comunidades de Base”. Dentro deste grupo os debates estavam sendo pautados na perspectiva da Teologia da Libertação, que defendia maior participação da comunidade na Igreja e a presença desta no dia a dia da comunidade, debatendo temáticas religiosas, mas também problemas cotidianos, sociais, econômicos e políticos.

O Grupo confeccionava materiais para serem distribuídos nos cursos de formação, nas novenas de Natal, nas catequeses e nas campanhas de fraternidade da quaresma. Os boletins eram feitos para serem distribuídos nas paróquias e Paulo era um dos mentores destes materiais, sua contribuição era através dos quadrinhos, mas ainda havia a participação de diversos outros sacerdotes. Nos boletins “tinha a presença desses vigários que trabalhavam nas várias paróquias, eram os alemães, tinham alguns jesuítas, tinha os combonianos, que participavam de toda esta” (Délia BONISEGNA, Entrevista realizada em 2013).²

O Grupo de Evangelização da Periferia começou a se reunir e produzir seu material na secretaria da Escola 1º de Maio. Neste local começou a ser formada uma pequena gráfica que além de rodar materiais da escola, rodava do Grupo e, também de grupos clandestinos. Depois de certo tempo foi criada uma gráfica do Grupo de Evangelização da Periferia que ficou fixada na Igreja da Penha, no bairro da Ribeira. Délia Bonisegna disse que as introduções dos boletins eram quase sempre feitas pelo cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, esta era uma forma de dar aos olhos da censura um aval de idoneidade ao material confeccionado. Apesar disso, ainda assim passava pelo crivo da censura.

A paróquia Nossa Senhora de Guadalupe era constantemente vigiada e, às vezes, tentavam infiltrar estranhos para observar o que Paulo, Renzo e Sérgio discursavam. Renzo, Sérgio Merlini, Giovanni Tonucci e Marivalda dos Santos chegaram a mencionar situações vividas em que perceberam que estavam sendo observados pela repressão.

² Combonianos – comunidade dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus fundada por São Daniel Comboni.

Esta espionagem gerou vários registros e alguns destes foram encontrados no Arquivo Nacional, Coordenação Regional no Distrito Federal. A disponibilidade e o ineditismo destes documentos são muito importantes para se pesquisar e compreender o período da ditadura civil-militar. A partir destes documentos pode-se avaliar como os órgãos de repressão operavam na vigilância, como atuavam junto às comunidades carentes, como e com quais órgãos compartilhavam as informações coletadas. Além disso, permite analisar o processo de interpretação por parte destes em relação aos grupos religiosos e organizações políticas consideradas subversivas e clandestinas, e ainda ter acesso a informações sobre sua visão em relação à sociedade e estes grupos religiosos subversivos.

Deste patrulhamento foram encontrados documentos que tratavam dos “Antecedentes - Paulo Maria Tonucci”. A Companhia do Comando da 6ª Região Militar, o Serviço de Informações da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia e Serviço Nacional de Informações – Agência de Salvador (ASV/SNI) relataram nestes “antecedentes” de Paulo sobre sua ação no cenário político-social.

Nestes relatórios, apontaram a atuação de Paulo na ocupação do Marotinho em 1976 e o seu envolvimento em outras ocupações. Citaram também sua participação no Trabalho Conjunto³ e o apontaram como membro da comissão de finanças do movimento e o responsável pela gráfica em Fazenda Grande para impressão dos panfletos. Mencionaram a sua participação nos congressos, analisando a importância destes eventos como espaço de escolha de animadores para conscientizá-los e, assim, atuarem como cidadãos transformadores da sociedade.

Ainda comentaram sobre a publicação dos livros de autoria de Paulo - “Igreja e problemas de terra”, além do quadrinho “História do Brasil”. Observaram a atuação dele na Escola 1º de Maio, na Comissão de Justiça e Paz e a respeito dos donativos da entidade Misereor recebidos em seu nome. O Serviço Nacional de Informação chegou a enquadrá-lo numa relação nominal de padres progressistas.

Sobre este ponto da relação de padres progressistas, foi encontrado um documento de 12 de dezembro de 1972, produzido pela Presidência da República, Serviço Nacional de Informações – Agência Central, onde foi desenvolvido critério de classificação para as “Correntes e Linhas do Clero”. Neste mesmo documento era solicitado para diferentes agências pertencentes ao Serviço Nacional de Informações que

³ Trabalho Conjunto: associações de bairros, movimentos de luta pela moradia e organizações profissionais com a colaboração do setor estudantil e setor parte da Igreja, contrária a Ditadura Militar, que atuavam discutindo e articulando ações frente a cidade sobre problemas urbanos ou contra carestia (Maria Gonzalez, 1997).

classificassem os clérigos das respectivas paróquias e encaminhassem para central e outras agências.

Nesta classificação havia duas grandes correntes: conservadores e reformistas. Da corrente dos reformistas se destaca duas linhas: “progressistas” e “pastoralistas”. Segundo o documento, os “progressistas” trabalhavam para mudar a imagem da Igreja, do cristianismo e da figura de Cristo; pregavam uma “Igreja Nova”; almejavam uma sociedade socialista; estimulavam a “Luta de classes” e a luta armada; eram adeptos da “Teologia da Libertação”; indicavam a substituição da paróquia por Comunidades Eclesiais de Base – CEB; e combatiam os conservadores e tentavam conquistar os “pastoralistas”.

Já os “pastoralistas” eram enquadrados como: indefinidos ideologicamente; os que admitiam o diálogo com os “não crentes” e, portanto, com os marxistas; os que defendiam o engajamento temporal; os que defendiam os documentos de Medellín e Concílio Vaticano II sob o ponto de vista dos progressistas; os que dialogavam com as autoridades institucionais chegando a auxiliá-las.

Enquanto a corrente dos conservadores era enquadrada como: tendo uma orientação do Governo; defensora dos valores espirituais em primeiro lugar e depois os materiais; opositora do comunismo; obedientes à hierarquia e a tradição eclesiástica; e oponente aos “progressistas”.

A agência de Salvador do SNI cumpriu a solicitação encaminhando a relação de padres “progressistas” e “pastoralistas”, sendo que na primeira listagem, datada de 13 de abril de 1973, Paulo não foi citado. Já na lista de 20 de junho do mesmo ano, ele aparecia e era enquadrado como sacerdote “progressista”.

Diversos outros bispos, arcebispos e padres foram arrolados e classificados. Após esta relação a ASV/SNI fez um pequeno relatório da movimentação e situação destes dois grupos. Nesta relatoria tratava da atuação do Mosteiro de São Bento, das suas missas críticas, das suas publicações e, também, dos jesuítas e a publicação “Cadernos do CEAS”. Ainda acrescentou que os conservadores eram a maioria e que os jornais de circulação e a opinião de grande público ainda estavam voltados para a visão do grupo dos conservadores. No entanto, a ASV/SNI indicava que os progressistas eram muito atuantes, principalmente com os jovens, e que este cenário poderia se modificar em alguns anos.

Além do SNI, havia também o Centro de Informações do Exército (CIE) que acompanhava a movimentação dos clérigos. Eles chegaram a listar – documento de 22 de maio de 1975 - todos os padres estrangeiros “progressistas” que atuavam na 6ª Regional Militar, e Paulo estava entre eles.

O SNI e o CIE acompanhavam a movimentação da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe já algum tempo, provavelmente muito antes de 1975. Quando Paulo estava de passagem pela Itália, padre Giuseppe Ceccherini enviou uma carta no dia 12 de dezembro de 1969, comentando sobre a vigilância que a paróquia estava vivenciando. Ceccherini relatou que um dos moradores da comunidade veio alertar os padres que eles estavam sendo vigiados. Após esse alerta, os padres ficaram muito temerosos e resolveram ser mais cautelosos, queimaram documentos que pudessem ser comprometedores e passaram a ser mais atentos durante as missas, observando quem estava presente e fazendo discursos não muito diretos. Ceccherini chegou a falar como se já se soubesse que os padres estrangeiros da Bahia estavam sendo monitorados.

Há documentos encontrados no Arquivo Nacional que citam a vigilância sobre Paulo Tonucci até 1989. São relatórios tanto por parte do SNI quanto da Agência de Inteligência do Rio de Janeiro da Secretaria de Inteligência da Aeronáutica, Ministério da Aeronáutica.

A vigilância perdurava mesmo depois de 1985 com o governo de José Sarney. Apesar de oficialmente o Brasil se encontrar em período de redemocratização, órgãos repressores e de vigilância ainda estavam em operação. Não se sabe por quanto tempo estes órgãos se mantiveram ativos ou se realmente foram extintos ou ganharam outra roupagem. De qualquer modo, estes documentos mostram que o Estado de exceção não se findou com a instauração de um governo civil. O foco destes documentos eram a movimentação de organizações políticas consideradas comunistas e, também, a movimentação de sacerdotes que atuavam na formação política das comunidades e auxiliavam estas organizações.

Além da movimentação dos sacerdotes, os órgãos de vigilâncias passaram a ter um olhar mais cuidadoso com a movimentação dos padres e leigos italianos no Brasil (Documento da SNI/ Agência do Rio de Janeiro, 24 out.1984), que tinham comprometimento com movimentos sociais. Quanto às ligações de Paulo com movimentos sociais, eis o que se sabe: a sua atuação em CEB's, através do Grupo de Evangelização da Periferia; e a sua proximidade com a Comissão Pastoral da Terra – CPT, devido a Comissão de Justiça e Paz – CJP.

A relação de padres e leigos focava na movimentação dos italianos na Bahia e em Sergipe, não se pode dizer se isso se repetiu em outros estados, o que se pode afirmar é que entre os padres e leigos estrangeiros os italianos eram em maior número. Teresa Dantas em sua entrevista havia citado a “Casa dos Italianos” situada na Ribeira onde aconteciam encontros dos jovens da Fazenda Grande. Ela também comentou sobre os encontros anuais dos italianos no qual Paulo era um dos organizadores. Essa relação entre os italianos do interior com os da capital talvez tenha sido importante para se

manterem informados sobre os avanços e retrocessos dos movimentos sociais e compartilharem notícias sobre as ações dos órgãos de repressão.

A rede de contatos entre os italianos permitiu que Paulo circulasse em diferentes cidades. Teresa Dantas chegou a comentar que Paulo viajava para Bom Jesus da Lapa e Vitória da Conquista através destas relações com outros italianos. Essa rede de contatos de italianos, dentre outras que se entrelaçava com esta, permitiu a Paulo ter trabalhos de colaboração com os jesuítas no CEAS, por exemplo, e também abriu portas para ele interagir com grupos de outros estados. As relações não giravam apenas em torno da nacionalidade, havia também a ligação com a Igreja e, também com a discussão e prática da Teologia da Libertação.

O monitoramento se manteve durante muitos anos sobre Paulo, apesar disso ele continuou a atuar no cenário político. Além da Escola 1º de Maio e o Grupo de Evangelização da Periferia, Paulo esteve presente e atuante com os moradores da Baixa do Marotinho. Durante todo o processo de expulsão da ocupação em 1976, Paulo não só se fez presente como auxiliou na mobilização e na intermediação entre o movimento Baixa do Marotinho, o Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela e o Abade Dom Timóteo. Estes tentaram interceder junto ao prefeito de Salvador, Jorge Hage, e ao governador Roberto Santos. Ainda assim o movimento foi expulso, no entanto, dias depois o governo do estado firmou concessões de terras aos ocupantes, que mais tarde passaram chamar a localidade como Novo Marotinho.

Paulo acompanhou o movimento durante todo processo e continuou próximo da comunidade mesmo depois que os ocupantes se fixaram no Novo Marotinho. Os ocupantes moravam em uma região bem distante da paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, mas, mesmo assim, Paulo continuou a frequentar a comunidade. Ele chegou a conseguir donativos, segundo Gino Taparelli, através de uma instituição canadense para reconstrução de 200 casas em esquema de mutirão.

O Marotinho foi um importante movimento que marcou a vida de Paulo, principalmente porque daí em diante ele passou a se envolver mais diretamente nas discussões e mobilizações sobre o déficit habitacional, sobre as ocupações em Salvador, sobre o custo de vida e outras dificuldades da cidade e do país. Ele passou a se aproximar, cada vez mais, das associações de bairros e também, de diversos outros movimentos sociais, como sindicatos e associações profissionais dentro do Trabalho Conjunto. A mobilização, inicialmente, começou somente com profissionais liberais que participaram da Semana de Urbanismo organizado pelo Instituto de Arquitetos da Bahia – IAB. Segundo Maria Gonzalez (1997), doze institutos aderiram a esta junção, que passou a ser chamada de Convênio Cultural de Profissionais Liberais. Este convênio tinha a colaboração do setor estudantil e do setor progressista da Igreja.

A inserção das associações de bairros nas reuniões do Convênio Cultural de Profissionais Liberais, que mais tarde passou a se chamar Trabalho Conjunto, não só fortaleceu essa mobilização como também trouxe outro olhar sobre os problemas sociais e suas reivindicações. Este coletivo resolveu criar uma Comissão Provisória, que organizava as reuniões e coordenava as ações deliberadas. Foi nesta etapa de junção que Paulo passou a participar e ser uma figura presente nas reuniões do movimento. Por conta disto que os órgãos de repressão registraram a sua participação e colaboração na impressão de panfletos e na divulgação das atividades do Trabalho Conjunto. Tudo indica, de acordo com depoimentos de Délia Bonisegna e Teresa Dantas, que, provavelmente, estes materiais eram realmente rodados em Fazenda Grande, já que havia outros boletins clandestinos rodando lá também.

Além da atuação de Paulo no Trabalho Conjunto, há indícios de que ele também veio a colaborar com o Movimento Contra Carestia (MCC). O MCC surgiu em 1978, um pouco depois da organização do Trabalho Conjunto.

O recém-criado Movimento Contra a Carestia (MCC). Originário de outra organização que reunia algumas associações de bairro, esse movimento surgiu para lutar contra as dificuldades advindas da política econômica vigente no Brasil. A inflação era o principal problema que afetava a população, com uma constante alta nos preços e, consequentemente, elevação do custo de vida. (BRASIL, 2008, pp.48-49)

E mais:

Do Trabalho Conjunto de Bairros, uma entidade que aglutinava dezenas de Associações de Bairros em Salvador, surgiu o embrião do MCC, em 1978, como resposta a uma campanha nacional pedindo o congelamento dos preços dos produtos alimentícios. Na época, o Trabalho Conjunto realizou uma pesquisa em Salvador, constatando que as principais reclamações da população que se concentravam em torno de problemas de saúde, baixos salários, falta de infra-estrutura (água, esgoto etc.) e principalmente transportes. Por divergências internas e dificuldades diante do “baixo nível de organização popular em Salvador”, o

Trabalho Conjunto foi desarticulado, mas algumas pessoas – como o vigilante Laurentino Alves e a médica Jane Vasconcelos, que participavam anteriormente da Comissão (embrião do MCC) decidem continuar o trabalho da mesma, e assumem como uma das bandeiras do movimento a luta contra o aumento das tarifas de ônibus. (JORNAL MOVIMENTO, 20/08/81).

Como Trabalho Conjunto e o MCC tiveram uma relação intrínseca e Paulo estava atuando nessas associações e se aproximando de associações de bairros, possivelmente, ele também veio a colaborar com o MCC. Isso é possível, pois Gilmar Azevedo, que trabalhou com ele na Comissão de Justiça e Paz, comentou em sua entrevista que já tinha ouvido falar a respeito dele durante o MCC.

Nesse período eu conheci o trabalho de Paulo Tonucci. Ouí falar sobre Paulo Tonucci, né?! Porque a Jane Vasconcelos, que era vereadora, e tinha outros vereadores desse grupo, era um grupo de vereadores muito atuante do PC do B. Então a gente começou a ouvir falar nesse cara, nesse padre revolucionário, esse cara diferente, que já tinha feito um trabalho lá no Marotinho contra uma empresa, família Schindler, uma coisa mais ou menos assim. (Gilmar AZEVEDO, entrevista realizada no dia 28/09/2013)

Outro documento que aponta sua colaboração no MCC é o relatório de “Antecedentes – Paulo Maria Tonucci” do SNI/ASV, onde se afirma que em de 22 de setembro de 1980, Paulo esteve presente em uma reunião incitando a comunidade do Novo Marotinho a participar ativamente do MCC. Apesar de haver apenas indícios de sua colaboração, pode-se que dizer que, ao participar do Trabalho Conjunto e auxiliar alguns movimentos de luta pela moradia, ele acabou por diretamente ou indiretamente na organização de outros movimentos populares na cidade do Salvador.

Paulo também mantinha relações com grupos clandestinos. Renzo Rossi chegou a comentar que ele e Paulo permitiam que a AP realizasse reuniões na casa deles no Alto do Peru. Paulo também interagiu com o PC do B, muito por conta do envolvimento deste nos movimentos de luta pela moradia, principalmente, no processo de construção da Federação das Associações de Bairros de Salvador e, também, por causa do Trabalho Conjunto. Ele também mantinha contato e auxiliava perseguidos políticos, os exemplos

que se teve conhecimento foram: Paulo Cassis, que pertencia a Ação Popular-AP, e o casal Wagner, Beth Wagner e Jaques Wagner, que eram do PC do B, estes últimos chegaram a morar alguns anos em Fazenda Grande.

Paulo também teve uma relação muito próxima com o CEAS coordenado, na época, pelos jesuítas. Segundo Délia e Renzo Rossi, ele chegou a publicar o artigo “Drama do Marotinho” no número 45, no ano de 1976, no “Cadernos do CEAS”, na época do Movimento Baixa do Marotinho. No entanto este artigo não foi assinado, por questão de proteção em relação à repressão do governo. A relação Paulo e o CEAS ia muito mais além, havia colaboração conjunta entre o CEAS e CJP, coordenada por Paulo. Além da colaboração entre Tonucci e Perani no Grupo Moisés.

Além do trabalho que ele desenvolvia com os movimentos sociais, Paulo, no final dos anos de 1970, resolveu colaborar com a Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA, auxiliando na construção de livros com uma linguagem mais acessível para segmentos populares, por isso essa seção era chamada CEHILA-Popular. Paulo foi um grande animador deste projeto, chegando a publicar vários livros retratando a história sobre a ótica dos vencidos. Ele publicou livros como *Os maias*, *Os incas*, *Os povos selvagens*, e o livro *Protagonistas e testemunhos da conquista* com a parceria de Eduardo Hoornaert.

Em 1982, Paulo não satisfeito com os vários projetos que estava envolvido, resolveu se debruçar sobre uma nova empreitada: Comissão de Justiça e Paz – CJP. A comissão foi criada no arcebisado de dom Avelar Brandão Vilela, com o objetivo de assessorar os movimentos rurais e urbanos de Salvador, Região Metropolitana e Recôncavo Baiano. O conselho da comissão era composto por pessoas de classe média alta, por intelectuais, professores universitários e representantes da Igreja como Paulo e o Abade dom Timóteo. Tonucci além de ser conselheiro, desempenhava também a função de coordenador, intermediando a relação dos conselheiros e os membros que trabalhavam na CJP, assim como com o arcebispo dom Avelar.

Diversos movimentos ao longo dos anos de 1980 foram assessorados pela CJP, desde a ocupação do Bairro da Paz (também chamada na época de Malvinas) a ribeirinhos e beradeiros da barragem Pedra do Cavalo. A assessoria era no âmbito jurídico e social, promovendo também formação política e social entre os membros dos movimentos. A comissão juntamente com o trabalho de assessoria do CEAS foram muito importantes para auxiliar na organização dos movimentos sociais. Naquela época, Salvador e Região Metropolitana vivenciava grande crescimento populacional e, portanto, transformação e ocupação espacial. Diante disso a CJP e o CEAS, cada um com uma função ou área, desempenharam papéis muito importantes entre os movimentos de luta pela moradia.

Nesta mesma época da CJP, Paulo resolveu também se envolver no Movimento Familiar Cristão. Seu intuito era envolver outros segmentos sociais que participavam do Movimento para colaborarem socialmente e politicamente com a população de baixa renda. Seu comprometimento com o movimento foi tão forte que ele chegou a ser Assistente Espiritual Diocesano da Diocese de Salvador.

Outra empreitada que ele resolveu abraçar em 1981 foi a sua ida para Camaçari, ao assumir como pároco na paróquia São Thomaz de Cantuária. A sua decisão de partir foi aceita com relutância, principalmente por Renzo, que argumentou em sua entrevista que a presença de Paulo na Nossa Senhora de Guadalupe era muito importante. No entanto, Giovanni Tonucci, seu irmão, relatou que:

-Agora eu (Paulo) tenho 42 anos, se eu não mudo agora, não mudarei mais. Ainda sou capaz, é importante me renovar.

Então fazer esta mudança era muito estimulante para ele (Paulo). Era um lugar diferente, que era providencial, porque Fazenda Grande era uma favela, um bairro brasileiro, e foi para uma cidadezinha (Camaçari) que crescia de modo descontrolado. Ainda havia uma pequena comunidade rural, Cachoeirinha, Barra de Pojuca, Monte Gordo e outros lugares, que eram muito diferentes a sede. Camaçari tinha o Polo Petroquímico, muita gente chegava para trabalhar, gente que vinha de fora, mas havia comunidade local, agricultores, totalmente diferente da que crescia em Camaçari. Isso permitiu a Paulo a respirar muito esta situação, porque havia uma variedade.

Em 1982, eu tinha ido para Camaçari para me encontrar com Paulo. Ele me acompanhou para darmos uma volta em Camaçari, em certo ponto estávamos fora da cidade e paramos e ele

- Olha como é bela a vista.

Paulo que olha a vista, eu não pensava que isso fosse possível. Porque ele era sempre ocupado. Mas Paulo tinha aprendido a olhar o entorno. Era belo, tinha belas flores. (...) Essa mudança permitiu ele crescer muito na capacidade de guiar, de reagir. Camaçari ajudou muito ele e este ajudou

muito Camaçari. (Giovanni TONUCCI, entrevista realizada no dia 03/03/2016)

De acordo com Giovanni, Paulo estava procurando novas experiências, novos desafios para se renovar e para seu crescimento como guia espiritual. Essa procura pela renovação, por novos desafios, vinha envolta com o objetivo de desenvolver trabalhos com setores operários.

Segundo Renzo, para Paulo faltava experimentar como era o trabalho junto com o setor operário. Como Camaçari era uma cidade que ainda estava se adaptando com a implantação do Polo Petroquímico, ela se tornou um ambiente propício para Paulo, que desejava experimentar enquanto pároco um defensor de uma prática religiosa inserida na realidade social da comunidade.

Paulo, ao chegar em Camaçari, optou em ter relações com os movimentos sociais locais assim como ele fazia em Salvador. A contratação do advogado Carlos Freitas foi um exemplo disso:

O meu trabalho, o contrato era muito claro.

– Eu (Paulo) estou precisando de um advogado para acompanhar os movimentos sociais de Camaçari que não tem condições de contratar advogado. Então para isso eu pago dez salários mínimos. Eu estou negociando com agências financiadoras estrangeiras para poder financiar este contrato.

Eu (Carlos Freitas) acho que era Misereor. Com um tempo eu tive um pequeno envolvimento com o projeto Ágata Smeralda. Gianni Bôscoli era militante deste projeto. (Carlos Eduardo Soares de Freitas, entrevista realizada no dia 05/07/2013)

Carlos Freitas trabalhou para paróquia de Camaçari a convite de Paulo, que tinha como intuito colaborar com movimentos sociais locais oferecendo assessoria jurídica. Ele disse ainda que o trabalho era realizado numa sala reservada dentro da Casa Paroquial. Além desse trabalho, a assessoria jurídica foi muito importante junto a trabalhadores e na campanha de denúncia a intoxicação ocupacional pelo benzeno, esta Campanha contra Benzeno aconteceu entre os anos de 1990 e 1991.

Devido a sua interação com os movimentos sociais, Paulo também manteve relações com os partidos políticos a exemplo do Partido dos Trabalhadores – PT,

colaborando com Jaques Wagner, que na época estava se consolidando como liderança sindical no polo. Ele também começou a ter proximidade com Luiz Caetano, quando ainda não tinha se tornado prefeito de Camaçari. Caetano começou a atuar no cenário político de Camaçari primeiramente pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, depois passou para o Partido Comunista do Brasil - PC do B e, enfim, ele se filiou ao PT.

Ele (Paulo) se ligava com outras forças, na campanha de Caetano para prefeito. Ele estava no palanque de Caetano, mas ele disse:

- O melhor candidato é você, mas nós vamos cobrar de você depois de eleito. Nós estamos aqui, vamos te apoiar, mas vamos cobrar de você. (Fala de Paulo segundo Teresa)
Ele expressava o que ele acreditava, o que ele achava certo, mas ele também levantava as condições. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Segunda Teresa Dantas, Paulo chegou a fazer campanha para alguns candidatos, mas sua fidelidade não estava com o candidato, mas com as propostas defendidas por ele, caso não cumprisse, Paulo cobraria sem meio termo. A participação de Paulo em campanha eleitoral é a demonstração de que a política é o espaço de defesa dos direitos sociais e que deve ser interesse da comunidade. Portanto, Paulo tinha consciência de que além dele ser um guia espiritual, ele também era um líder político.

Além desse trabalho com os movimentos sociais e aproximação com algumas pessoas ligadas a partidos, Paulo também planejou e trabalhou na edificação da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária, contando com a colaboração de um grupo de artistas para construção dos vitrais.



Figura 5: Arco do Altar da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

Um destes artistas foi Carlos Passos⁴, que produziu os diferentes arcos, a exemplo do arco do altar (Figura 5). O vitral é muito colorido, o povo cristão é apresentado dentro da sua heterogeneidade étnico/racial. Neste arco há presença de diversos símbolos religiosos: a estrela de Davi, a menorá – candelabro de sete lâmpadas, o carneiro, os quatros viventes retratado no livro de Ezequiel - o homem, a águia, o leão e o boi.

⁴ Artista Plástico da cidade de Ipiáú, mas vive em Feira de Santana, atualmente, ele trabalha apenas com vitrais.



Figura 6: Arco sobre a saída principal da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

O Arco da saída principal (Figura 6) da Igreja retrata Moisés e os dez mandamentos, a ressurreição de Jesus Cristo, procissão de Ramos, o Espírito Santo e as bandeiras de luta que foram levantadas muitas vezes por Paulo no seu envolvimento com os movimentos sociais: vida, solidariedade, terra, escola, trabalho, cidadania, justiça, paz, água e segurança. Esse vitral também é bastante colorido, transmitindo muita animação e conectado com os movimentos sociais.



Figura 7: Arco sobre uma das saídas laterais. Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015

Este vitral (Figura 7) mostra a contradição da sociedade: um menino abandonado em meio a tantas casas e prédios, sendo acolhido pela Bíblia, considerada a palavra de Deus, e o Espírito Santo. Poderia se argumentar que esta imagem fala das contradições sociais e o acolhimento do Evangelho por meio da Teologia da Libertação com a presença do Espírito Santo. Pode se notar nestes arcos (Figura 5,6 e 7) da Igreja a presença da perspectiva da Teologia da Libertação seja na representação ecumenismo, do menino abandonado acolhido pelo Espírito Santo, seja na representação da comunidade hasteando as bandeiras de luta.

Além dos arcos, Carlos Passos fez dois grandes vitrais no altar que ficam ao lado de uma escultura de Jesus Cristo crucificado: um retrata a imagem de São Tomaz da Cantuária, o padroeiro da cidade; o outro é uma homenagem a Paulo Tonucci e à comunidade (Figura 08).



Figura 8: Vitral do altar da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

No vitral (Figura 8) pode-se observar: a retratação das favelas através das casas coladas umas às outras, envolta por escadarias; o sertão representado por um grande cacto; a simbolização das frutas e plantas típicas como caju, bananeiras, cacau e coqueiros; elementos tipicamente brasileiros e do nordeste. Nota-se também o Polo Petroquímico característica de Camaçari; e Paulo ministrando a Santa Ceia com a comunidade, tendo ao fundo um cartaz: justiça, solidariedade e mística. Fechando o vitral pode se ver uma pipa içada ao fundo, representando uma das brincadeiras muito comum entre as crianças, que, de acordo com Teresa Dantas, nos cursos de catecismo empinar pipa era algo que fazia parte.

Durante toda década de 1980, Paulo estava totalmente dedicado às atividades em Camaçari e em Salvador – na CJP e no Movimento Familiar Cristão. Já no início dos anos de 1990, Paulo teve outro grande desafio para enfrentar. Entre 1992 a 1993, Paulo descobriu que estava com câncer na cabeça. Seguindo conselho dos amigos Eliane Azevedo, médica e conselheira da CJP, e Roberto Ansuini, médico de Fano-Itália, ele optou em ir para Itália fazer tratamento para combater o câncer.

Alguns outros amigos relataram que ele resistia em seguir para Itália, preferia continuar no Brasil, mas como Salvador não tinha os recursos necessários para o tratamento do câncer e a opção de se dirigir a São Paulo seria muito dispendiosa. Paulo e Délia optaram em seguir para Itália, onde havia amigos e familiares que podiam acolhê-los. Durante todo o tratamento, Délia Bonisegna, sua companheira de vida, permaneceu ao seu lado.

Segundo falas de amigos, Paulo enfrentou com muita serenidade, confiança na vida e fé em Deus, o tratamento do câncer. Na última vez que ele veio para o Brasil, em 1994, ele estava se sentindo bem melhor, o tratamento estava tendo uma resposta positiva. Teresa Dantas chegou a comentar que ele estava resistente em voltar para Itália, desejava ficar no Brasil para finalizar o tratamento. Infelizmente, ao retornar à Itália para dar continuidade ao tratamento, o câncer voltou a se desenvolver sem maiores chances de combatê-lo. Em 9 de outubro de 1994, Paulo veio a falecer em Fano.

Após a morte de Paulo, Délia Bonisegna junto com outros amigos resolveu fundar, em agosto de 1998, a Associação Paulo Tonucci - APITO. O nome APITO veio não apenas como a junção das iniciais do nome da associação, mas também para simbolizar um instrumento sonoro usado para chamar atenção. Segundo Délia, o trabalho de Paulo também tinha este intuito, chamar atenção, alertar as pessoas para os seus direitos, lutar pela sua cidadania.

A associação funciona até hoje, o seu objetivo é a “formação integral da população menos assistida e marginalizada de Camaçari, dando prioridade às mulheres, jovens e crianças.” (Site apito.org.br. Acesso em 19 de abril de 2016.) As atividades desenvolvidas na Associação são de perspectiva educacional, sociocultural, incluindo a formação profissional e o desenvolvimento da cidadania. A APITO está envolvida em diferentes projetos: acompanhamento com as famílias

de baixa renda, escola de educação infantil, projeto de educação artística e profissionalizante para jovens e adultos, projeto de complementação do ensino médio.

A APITO foi criada para dar continuidade ao trabalho de Paulo, oferecendo à comunidade ferramentas que pudessem proporcionar o seu desenvolvimento por si mesmo. No entanto não deixa de ser também uma forma de conservar a memória de Paulo. Essa preocupação talvez seja uma maneira de reconhecer a ele o que não foi oferecido em vida, o pertencimento como brasileiro e o reconhecimento do seu trabalho na Bahia.

Paulo chegou a fazer por duas vezes (1982 e 1986) o pedido de nacionalidade, mas todas as vezes foram negadas. A justificativa era devido ao seu envolvimento com movimentos sociais e, por conta disto, foi categorizado como padre “progressista”, simpatizante do PC do B. Diante disto, a Câmara de Vereadores concedeu a Paulo o Título de Cidadão de Salvador no dia 4 de junho de 1986, uma espécie de retratação diante das negativas do Governo Federal.

Segundo amigos, Paulo ficou muito desapontado com a negativa do seu pedido de nacionalidade. De acordo com eles, ele se sentia pertencer ao Brasil e gostaria de não ser mais visto como estrangeiro, como o de fora, mas como igual aos outros, um brasileiro por escolha.

Lista de Fontes:

Orais

- Carlos Freitas – entrevista realizada em 05/07/2013, em Salvador, Brasil.
- Délia Bonisegna – entrevista realizada no ano de 2012, em Camaçari, Brasil.
- Francesco Tonucci, entrevista realizada no dia 14/02/2014, em Roma, Itália.
- Gianni Boscolo – entrevista realizada no ano de 2013, em Salvador, Brasil.
- Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 27/02/2014, em Loreto, Itália.
- Maria Bonfim Reis Cerqueira – entrevista realizada em 19/08/2014, em Salvador Brasil.
- Maria Conceição da Silva –entrevista realizada no dia 18/08/2014, em Salvador, Brasil.
- Marivalda Ferreira dos Santos – entrevista realizada em 19/08/2014, em Salvador, Brasil.
- Renzo Rossi – entrevista realizada em 28/08/2012, em Salvador, Brasil.
- Teresa Dantas de Menezes – entrevista realizada em 06/12/2013, em Salvador, Brasil.

Impressas

– Documentos referentes ao acervo do Serviço Nacional de Informações (SNI) e Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) na Coordenação –Geral Regional do Arquivo Nacional no Distrito Federal – COREG-DF:

- AC_ ACE_26054_82
- AC_ ACE_56182_86
- AC_ ACE_57633_86
- AC_ ACE_58206_86
- AC_ ACE_88229_75
- ARJ_ ACE_11401_84
- ASV_ ACE_10922_89
- ASV_ ACE_1568_81
- ASV_ ACE_1698_81
- ASV_ ACE_2299_81
- ASV_ ACE_2641_82
- ASV_ ACE_3938_82
- ASV_ ACE_4229_82
- ASV_ ACE_4495_82
- ASV_ ACE_7701_85
- ASV_ ACE_8711_86
- ASV_ ACE_9233_87
- BR_ AN_ BSB_ VAZ_091_0038

– TONUCCI, Giovanni & ANSUINI, Roberto. *Don Paolo*. Fano: Stampa Grapho, 2004.

– Carta Pessoal entre Paulo Tonucci e Giuseppe Ceccherini, ano de 1969.

Referências:

- FERREIRA, Edemir Brasil. *A multidão rouba a cena*: O quebra-quebra em Salvador (1981). Salvador: UFBA, 2008. (Dissertação de mestrado)
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- GASBARRO, Nicola. Per una storia dela “cosmologia culturale” delle missioni. In: _____ (A cura di). *Le culture dei missionari*. Roma: Bulzoni, 2009, pp. 7-69.
- GONZALEZ, Maria Victoria Espiñeira. *O partido, a Igreja e o Estado nas associações de bairros*. Salvador: EDUFBA, 1997.
- JOSÉ, Emiliano. *As asas invisíveis de padre Renzo*: uma história singela de amor e dor nos tempos da ditadura brasileira. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- LANTERNARI, Vittorio. La Chiesa e le religioni dissidenti d’Africa, Asia, Oceania, America. In: _____. *Occidente e Terzo Mondo. Incontri di civiltà e religioni differenti*. Dedalo Libri, 1972, pp. 119-140.
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da Libertação*. Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.
- LIMA, Gisele. *Movimento Baixa do Marotinho*: A luta pela moradia em Salvador (1974-1976). Salvador: UFBA, 2009. (Dissertação de Mestrado)
- _____. O Vaticano e a América Latina: Igreja e periferia. *Civiltà e Religioni*, Padova, n. 3, 2017. Disponível em: <<https://www.libreriauniversitaria.it/civiltà-religioni-2017-3/rivista/24213152/2017/3/civiltà-religioni-2017-3.htm>> Acesso em: 25 ago. 2018.
- LOWY, Michael. *A guerra dos deuses*: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Material em PDF. Disponível: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 05 mai. 2016.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- TONUCCI, Giovanni & ANSUINI, Roberto. *Don Paolo*. Fano: Stampa Grapho, 2004.

VARÓN, Paloma & CLAÚDIO, Francisco. *Rumo a terra prometida: a trajetória do grupo Moisés*. 2001. Salvador: UFBA/FACOM, 2001. (Trabalho de conclusão de curso)

ZACHARIADHES, Grimaldo C. *CEAS. Jesuítas e o Apostolado Social durante a Ditadura Militar*. Salvador: EDUFBA, 2009.